O CAUDILHO - DEPUTADO FLORO BARTOLOMEU DA COSTA

Raimundo Teles Pinheiro

O Cariri cearense, sempre agitado desde os primórdios do seu povoamento — por pernambucanos, baianos e sergipanos, na sua grande maioria —, gozou de relativa calmaria após os movimentos revolucionários de 1817, 1824 e 1831/1832. Não facilitasse "a condição de fronteiriço um intercurso de que se beneficia o elemento exótico, normalmente aventureiro, nem sempre útil. Uma corrente imigratória ponderável, ativada pelas seduções de um solo singularmente fértil, haveria de trazer ao Cariri, na bagagem do adventício irrequieto, o espírito turbulento e aventureiro que reponta incontido, em toda a sua história".

E, após várias escaramuças de repercussões locais, agitou-se novamente, em profundidade, no período de dezembro de 1913 a março de 1914, quando derramou uma avalancha de guerrilheiros, na sua maioria romeiros e cangaceiros — inclusive dos Estados limítrofes —, que atingiram a pancada do mar, provocaram a Intervenção Federal e a deposição do eminente e honesto Presidente (atualmente Governador) Cel. Marcos Franco Rabelo, brilhante oficial superior do nosso Exército.

Que provocou esse violento temporal sobre o solo cearense, em sua extensão Sul-Norte, desde o sopé da Chapada do Araripe até os alvadios areais das lindas praias da bela e querida Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção? Tricas políticas, malabarismos da politiquice, que viceja em todos os tempos e quadrantes da terra...

Deixando o Cel. Marcos Franco Rabelo de apoiar a candidatura oficial de Pinheiro Machado à Presidência da República, indicada pelo Marechal Hermes da Fonseca — como o deixaram, igualmente, de apoiar outros presidentes estaduais —, decidiu o Governo Federal apeá-los do poder. E cir-

culou, então, a notícia de que, perante parlamentares, exclamara o Chefe da Nação: "Para o Presidente do Ceará o que tenho, de agora por diante, é muito pau!"

Para tal mister, para executar essa grande paulada, foi convocado ao Rio de Janeiro o Dr. Floro Bartolomeu da Costa, médico baiano residente à sombra do Reverendo Padre Cícero Romão Batista, no atual Juazeiro do Norte.

Concertados os planos com os mentores do Partido Republicano Conservador, regressou Floro aos seus penates, em viagem acidentada, burlando emboscadas em vários trechos do seu percurso em território cearense. E, com José de Borba Vasconcelos, Pedro Silvino de Alencar, Antônio Luís Alves Pequeno e outros, preparou o levante ou sedição que viria provocar a deposição do Governador, com a Intervenção Federal.

Convém notar que pouco antes o Ceará derrubara a chamada oligarquia dos Acioles, e a essa oligarquia sucedera, exatamente, o Presidente Franco Rabelo, "homem culto, honrado e idealista, que acreditava na purificação do sistema, na educação do povo e no progresso social". Porém, neófito em política, "cometeu o grande erro de discordar do Marechal Hermes e de hostilizar, desabridamente, o Patriarca Reverendo Cícero Romão Batista", de prestígio inconteste, não só no Ceará, mas no NE brasileiro. Mexeu na vivenda de vespas perigosas, que era o Cariri, então infestado de beatos e cangaceiros, notadamente de Estados fronteiriços, e mesmo distantes, como Alagoas.

Isto posto, preparados os planos e o terreno, a 9 de dezembro de 1913, Floro determina que seus jagunços desarmem o destacamento policial ali estacionado, iniciando, assim, a sedição ou revolução, e, simultaneamente, arvora-se em Presidente do Estado, na qualidade de Presidente de uma Assembléia inexistente (creio que os corifus do PRC julgavam tal atitude suficiente para provocar a Intervenção Federal). (1) E prepara a defesa, construindo, na periferia da cidade, uma profunda trincheira ou valado com seteiras, em curtíssimo prazo, atendendo a apelo do Padre Taumaturgo, pelo que trabalharam freneticamente homens, mulheres e meninos, com toda espécie de instrumentos, inclusive com as próprias unhas: era o "Círculo da Mãe de Deus".

---

(1) Floro Bartolomeu tinha franquia telegráfica, podia usar à vontade o telégrafo e se correspondia com a cúpula do Governo Federal. O próprio Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar, telegrafou a Floro tratando-o de *Presidente do Estado.*

Franco Rabelo reagiu, enviando forças ao Cariri, concentrando-as no Crato, onde o Cap. PM Ladislau Lourenço de Souza já praticava arbitrariedades, particularmente contra os rabelistas.

Assim, o Batalhão Policial, comandado pelo Cel. Alípio de Lima Barros chegou àquela cidade no dia 18 de dezembro, procedente de Iguatu, ponto terminal da Estrada de Ferro de Baturité, distante 30 léguas, as quais foram percorridas pela tropa em cinco jornadas, fustigada por chuvas de pesado inverno. No dia seguinte dirigiu um ultimato ao Padre Cícero, impondo a sua rendição e o desarmamento dos seus seguidores dentro de 12 horas. Não obtendo resposta, atacou a meca juazeirense com 650 praças e civis denominados "patriotas", bem armados e municiados; isso, inacreditavelmente, sem qualquer reconhecimento do terreno e do adversário. E, logicamente, após seis horas de nutrido tiroteio contra os atiradores abrigados no "Círculo da Mãe de Deus", foi o atacante repelido e retornou desordenadamente à sua base de partida, com 84 baixas, entre mortos e feridos.

O Comandante, em conseqüência de informações prestadas pelo Ten. Ex. J. Armando de Oliveira — enviado em missão especial do General Inspetor da 4.ª Região Militar, que visitou Juazeiro, mediante autorização do Pe. Cícero — solicitou reforços, que não lhe foram remetidos e, pressionado para atacar, novamente, sem os meios necessários, passou o comando, a 9 de janeiro, ao incompetente Major Ladislau, promovido na véspera a esse posto. A partir de 14 desse mês, sucedem-se ataques frustrados nos Macacos, em Santa Rosa e outros locais próximos à meca juazeirense e, por fim, as tropas governamentais refluem de Santa Rosa e Alto do Leitão para a cidade de Barbalha (quando deviam concentrar-se no Crato), e se diluem face à incompetência e permanente estado etílico do seu Comandante.

Então, decidiu Floro passar à ofensiva: atacou a cidade do Crato (que estava defendida pelo Ten. PM Romão Nunes de Azevedo comandando 40 soldados e alguns cangaceiros, num total de 300 combatentes) na tarde de 23 de janeiro, com 750 guerrilheiros divididos em três colunas, dirigidas, respectivamente, por Zé Pedro, Zé Terto e Manuel Chiquinha, e conquistou-a na manhã de 24, após 20 horas de intenso fogo, ocupou-a, saqueando-a (embora com recomendação em contrário do Padre Cícero)...

Rompido o primeiro e mais consistente dique, a avalancha rolou facilmente sobre Barbalha, Iguatu, Miguel Calmon (hoje Ibicuã), onde o bravo Cap. Ex. José da Penha

estabelecera outro dique, que foi rompido com a morte do bravo militar, quando, a cavalo, fazia um reconhecimento às posições defensivas... (2) E a onda de romeiros, sem mais encontrar obstáculos, atingiu facilmente a periferia da "loira desposada do sol", provocou o "estado de sítio" a 9 e a Intervenção Federal a 14 de março, assumindo as rédeas da Interventoria o Cel. Setembrino de Carvalho. E Floro Bartolomeu entrou triunfalmente em Fortaleza a 20 de abril, como o fizera o Cap.-Mor do Crato Pereira Filgueiras aos 23 de janeiro de 1823, à frente dos seus turbulentos caririenses, para instalar o governo por ele presidido e consolidar a Independência no Ceará.

Quem foi esse combativo Floro Bartolomeu da Costa? Nasceu o caudilho em Salvador, Bahia, a 17 de agosto de 1876, filho legítimo de Virgílio Bartolomeu da Costa e D. Carolina Costa, formado em Medicina em 1904. Durante a sua vida acadêmica participou "com arrojo e entusiasmo" de dois grandes movimentos de rebeldia desencadeados, em Salvador, pelos alunos das Escolas Superiores, ombro a ombro, também, com estudantes cearenses, como Manuel Moreira da Rocha, Manuelito Moreira, José Frota e outros.

Após formado, rumou para o sertão de São Francisco, clinicando em diversas localidades, ao mesmo tempo que cuidava da exploração de minérios. Após clinicar em Remanso no ano de 1905 e em Triunfo em 1908, chegou em Juazeiro do Ceará em maio desse ano, em companhia do indigitado engenheiro de minas Conde Adolfo Van Den Brule, com o qual se associara na pesquisa e exploração de minérios...

Havendo o Padre Cícero adquirido terras na área de Coxá, município de Aurora, abundante em cobre, como se dizia, decidiu demarcar as terras compradas, a fim de serem exploradas por uma companhia francesa; mas alguns proprietários, alegando que lhes pertencia parte do terreno onde estava encravada a mina, opuseram-se à demarcação. Recorreu-se, então, à Justiça, e Floro, ardentemente, advogou a causa, na decorrência da qual verificou-se, a 17 de dezembro de 1908, violento e cruento ataque armado. Esse foi, indubitavelmente, o primeiro elo da corrente que o prenderia ao Patriarca, "que definitivamente se engolfou na política, ou na vida partidária, na questão da autonomia de Juazeiro, em

(2) José da Penha Alves de Souza, bravo Cap. do Ex., então Deputado Estadual, foi abatido a 22 de fevereiro de 1914, pelo jagunço Zé Felipe, segundo Duarte Júnior, em "Apoteose do Banditismo" publicado em *Itaytera*, 1969; ou por Manuel Calixto ou ainda pelo perverso Zé Pinheiro, segundo autor, que, anos depois, foi morto e esfolado.

relação ao Crato, a cujo município pertencia. E para essa decisão sobremodo concorreu o arguto Floro, cujas aspirações políticas visavam todo o Estado".

Nesses episódios e nos que se seguiram, até à morte, mostrou-se Floro o mesmo homem: "audaz, destemeroso, de ação pronta e decidida", inclusive para conquistar a confiança absoluta e dominar a vontade do Reverendo...

Fixando-se em Juazeiro, inicialmente na própria casa do Padre Cícero, atendia a muitos clientes, que nada lhe pagavam, bem como exerceu, também, a profissão de advogado, muito procurado na região, apesar de não ser formado em Direito.

Antes da sedição era conhecido apenas no Cariri, porém, após seu nome extrapolou todo o Estado identificado como "homem de fisionomia tranqüila, fala meio fanhosa, trato delicado, gestos lentos, conversação fácil, simples, natural, sem afetação; trajava bem: fraque, colete, calça listrada, chapéu chile, bengala de castão de ouro; espírito comunicativo, simpático, insinuava-se à estima de quem dele se aproximava; em Fortaleza, granjeou amizades, freqüentou assiduamente reuniões e festas sociais dos clubes elegantes, e não faltava aos serões literários da Casa Juvenal Galeno", a par de conhecer e ser amante da música clássica (era neto de italiano pintor e musicista)... No fim da existência, "atormentado pelos revezes da sua vida agitada e pela moléstia que o levou ao túmulo, seu comportamento humano foi se transformando e tornou-se neurastênico e explosivo", até morrer aos 50 anos de idade, no Rio, como Deputado Federal e general honorário do Exército, solteiro, pobre, confortado pelos sacramentos da Igreja, aos 8 de março de 1926, e sepultado no Cemitério de São João Batista, com as honras do seu posto, destacando-se bonita coroa com a inscrição: "Ao Dr. Floro Bartolomeu, o Presidente da República." Era esse o Dr. Artur Bernardes.

Sua ação parlamentar foi corajosa e dinâmica, desassombrada.

Após a sedição, como Presidente da Assembléia Legislativa, portou-se sempre com altivez e desmedida coragem: durante uma sessão, em acirrada discussão em que nele procuraram atirar, pronunciou clara e serenamente, no meio da baderna: "É como vocês quiserem. Eu só temo a desgraça antes de vê-la. Diante dela é como se não existisse. Tenho por

hábito não procurá-la nem dela recuar quando me surpreende."

Como Deputado Federal, pronunciou discursos "objetivos, ricos de conteúdo e sugestões": um, a 3 de abril de 1922, em que revela "o ambiente e viver de um Brasil ignorado do litoral, retratando o homem do sertão e suas ricas coisas, com correção e simplicidade", secundando Euclides da Cunha no seu insuperado *Os Sertões,* defende a terra e a gente, particularmente o Cariri, repelindo a acusação de ser coito do cangaceirismo nordestino; o segundo, a 10 de abril de 1922, respondendo contundentemente a ataques do *Correio da Manhã,* os quais não temia, não o apavoravam e recebiam o devido troco; o terceiro, em 17 de abril de 1922, ainda em resposta a ataques do *Correio da Manhã;* o quarto, a 27 de dezembro de 1922, versando sobre a ocorrência de xisto betuminoso no Cariri, comentando a exploração das reservas de combustível nacionais, particularmente do carvão; o quinto, a 23 de julho de 1923, versando sobre a legislação eleitoral; o sexto, a 9 de agosto de 1923, fazendo o necrológio do Presidente Justiniano de Serpa, "falecido paupérrimo", no exercício do cargo; finalmente o sétimo, a 23 de setembro de 1923, denominado por muitos "o grande discurso", em que "faz um grande mural do Juazeiro do Padre Cícero e do sertão nordestino, em resposta a comentários feitos, em conferência, no Rio, pelo Sr. Morais e Barros"... Esses discursos "ricos de conteúdo e de sugestões atestam ter sido Floro um homem de inteligência e sensibilidade superiores", no tempo e meio em que atuou incansavelmente.

Nesse período ele praticou ações, no Juazeiro, de profunda repercussão além das fronteiras do Ceará e do Nordeste: uma, a aplicação da pena de morte contra o dito milagreiro "Touro Mansinho", de propriedade do Patriarca, tratado pelo beato José Lourenço e venerado pelos fanáticos; depois, na "rodagem" — estrada que ligava Juazeiro ao Crato — em que Floro mandava justiçar assassinos, arruaceiros, ladrões e defloradores a tiros ou degolados, como se propalava na época; depois o convite ao "terror dos Sertões", o famigerado Lampião, para cooperar na defesa, após a sua organização e instalação do Batalhão de Patriotas, que deveria impedir a penetração da "Coluna Prestes" no Ceará pela região fronteiriça de Campos Sales, o qual só chegaria a Juazeiro a 4 de março de 1926, quando o Deputado-Caudilho, muito doente e acompanhado pelo médico José Paracampos, já chegara ao Rio nos umbrais da morte, que se verificou, como vimos, a 8 desse mês.

Para concluir, apreciemos o perfil de Floro Bartolomeu traçado por quatro elementos de posições, idéias e conceitos diferentes:

— Um, o jornalista farpeante *João Brígido dos Santos*: "Floro é um bom amigo; leal, gastador e valente. Só tem um defeito: gosta muito de cangaceiro."
— Outro, jornalista violento, brilhante escritor e poeta, *Jáder de Carvalho*: "A esse tempo a estrada de ferro batia às portas do Cariri, e Floro Bartolomeu dinamizava, com entusiasmo, a obra de urbanização da tumultuária Meca dos Romeiros Nordestinos — localidade que era um misto de cidade do interior e reduto à moda de Canudos."
— *Otacílio Anselmo*: "Não era Floro, evidentemente, um varão de Plutarco, pois cometeu erros, atos de violência e arbitrariedades. Tudo isso, porém, deve ser condicionado ao tempo e ao meio-ambiente em que viveu e lutou, que outra coisa não era senão um antro de fanatismo mesclado de bandos de profissionais do crime, sem falar no sistema político então vigente, baseado no latifúndio e na capangagem. Pensando bem, Floro desempenhou papel civilizador no Juazeiro. Basta lembrar os melhoramentos urbanísticos, a matança do *Boi Mansinho*, considerado santo pelos fanáticos, e a dissolução das célebres *Cortes Celestes*."
— *Padre Azarias Sobreira*: "... Do que tenho dito, entretanto, não se vá deduzir que Floro fosse um reles aventureiro, sem pundonor nem caráter. Porque tinha de tudo isto: era leal, sabia manter a palavra dada, sabia perdoar, poupava generosamente o inimigo humilhado, cultivava seletas amizades, era desprendido e esmoler. Nunca atraiçoou um serviçal e muito menos um amigo. Ainda mais. Timbrava em assumir, de viseira erguida, as responsabilidades dos seus próprios atos, por mais passíveis que fossem de censura."

Esse era o conceito do meu saudoso genitor — Cícero Pinheiro Bezerra de Menezes — que o conheceu de perto, e me afirmou várias vezes que era Floro capaz de sacrificar-se pela sua impetuosa sinceridade e incontestável lealdade. Esse, também, era o julgamento da minha prima legítima Rosa Pinheiro Bezerra de Menezes (a querida Loló, atraente, sem-

pre eufórica, esbanjando amizade com todos os seus familiares e amigos), esposa do primo Maj. Engenheiro Militar José Pinheiro Bezerra de Menezes (meu orientador para a matrícula na Escola Militar do Realengo em 15 de fevereiro de 1930, exatamente, há 49 anos), juazeirense nascida às margens do Salgadinho, no sítio Muchila, educada no Colégio Ana Bilhar em Fortaleza, e que participou do velório e do enterro de Floro. Faleceu ela, muito jovem, em 1933, no Rio.

Finalmente, arrematemos esse edifício argamassado com tão variados tijolos: portador de tantos poderes, em tão grande área geográfica e em tão longo período, faleceu Floro pobre, muito pobre!... *O tempora, o mores*!

BIBLIOGRAFIA

Floro Bartolomeu. Nertan Macedo, 1970.

O Juazeiro do Padre Cícero — A Revolução de 1914. Irineu Pinheiro, 1938.

Efemérides do Cariri. Irineu Pinheiro, 1963.

Padre Cícero — Mito e Realidade. Otacílio Anselmo, 1968.

"Movimentos Político — Militares do Crato", em *Itaytera* (1968). Raimundo Teles Pinheiro.

O Patriarca de Juazeiro. Padre Azarias Sobreira, 1969.

O Padre Cícero que eu conheci. Amália Xavier de Oliveira, 1969.

Joazeiro e o Padre Cícero (Depoimento para a História), discurso, Floro Bartolomeu, 1923.